

Rui Barbosa e os ecos do passado

Por Luís Nassif

19/11/05

A coluna que escrevi sobre Rui Barbosa, no domingo passado na “Folha”, suscitou algumas manifestações contrárias – caso do jurista e ex-senador Paulo Brossard, em artigo ao “Estadão”-, mas outras em reforço à tese sobre a dubiedade da atividade pública e profissional de Rui.

Miguel Barbosa do Rosário foi o responsável pela transcrição dos Diários de Joaquim Nabuco. A coluna lhe abriu os olhos para o significado de alguns trechos mencionados.

- 17 de janeiro de 1891: “O Rui já nos custou mais caro do que Solano López”.
- 26 de outubro de 1892: “Reginaldo da Cunha contou-lhe que tendo uns mil contos em Nova York e querendo negociá-los, foi oferecê-los ao Belisário por uma taxa melhor do que a da praça, e que esse lhe respondera que só fazia esses negócios pelo Figueiredo (por ser essa a compensação que lhe podia dar do auxílio que ele prestava ao governo) e mandou-o tratar com Figueiredo. Reginaldo recusando-se, ele lhe oferecera fechar o negócio com ele se ele dividisse a comissão com Figueiredo, ao que também se negou Reginaldo. Também contou-me que Rui Barbosa, que mais o insultara por ocasião dos Lóios, mandara, por saber que ele nada tinha, oferecer-lhe pelo Dantas o lugar de fiscal do Banco da República!!! Admirou-me que Dantas se prestasse a mencionar semelhante recado de Rui Barbosa a um homem como João Alfredo. Ele podia bem ter-lhe poupado semelhante humilhação. - "Eu preferia quebrar paralelepípedo nas ruas", respondeu João Alfredo.
- 30 de setembro de 1893: “Número expressivo do Tempo. No primeiro editorial faz um apelo à intervenção do corpo diplomático. No segundo, o semanário jacobino desanda uma verrina ao Rui, magno ladrão, lembra a compra de consciências monarquistas pela República a alto preço, com insinuações a Correia, Dantas, Macedo Soares etc.- e até produz uma Alda, mulata e baiana, de quem faz a [em branco] do Custódio”.
- Sobre *Mayrink* (28 de fevereiro de 1891): “Viste a subscrição Alto Mearim para um Liceu Português no Rio? 1.000 contos ou (1%) 100.000 contos só da roda Mayrink. Está assim provado o uso feito das emissões. Falta ver as subscrições da roda Figueiredo e das rodinhas estaduais. Boa religião da Humanidade! Somos a nação mais altruísta do mundo”.

Não são apenas episódios ligados ao “Encilhamento” que depõe contra Rui Barbosa. Marcelo Thadeu Quintanilha Martins pós-graduando em História Pela PUC-SP, levantou alguns processos judiciais que contaram com a participação de Rui.

Naquele início dos século 20, havia uma tentativa de enfraquecimento do poder dos “coronéis” paulistas pelo presidente do Estado. O caminho encontrado foi rastrear os crimes do Dioguinho, jagunço famoso na época, matador profissional (consultar “Dioguinho, o Matador dos Punhos de Renda”, de João Garcia, 2002). Em 1898 Duiguinho cortou as orelhas e o nariz de uma mulher a mando do marido. Ela procurou o governador, que ficou estarecido. Ocorre que Dioguinho era protegido de figuras importantes

da região, no caso um grande fazendeiro e Senador da República Alfredo Elis Jr. Mesmo assim, o delegado não teve dúvidas, invadiu a fazenda do Senador e apreendeu documentos e cartas ligando-o ao matador, e pediu a sua prisão. O delegado era uma figura curiosa: jovem, tinha menos de trinta anos, tuberculoso, poeta e jornalista, além de ex-aluno da São Francisco e filho de Desembargador, conta Marcelo. Na época não existia ainda a polícia de carreira e os delegados eram escolhidos a dedo pelo governador Sem proteção, Dioguinho foi morto numa emboscada e o Senador defendido por Rui Barbosa. Apesar das provas, Rui alegou o costume brasileiro de receber bem na sua casa todo tipo de gente. Era um hábito nobre que não podia ser confundido com crime, ou proteção ao criminoso. E venceu. Bandeiras, bandeiras, causas pessoais à parte, parece ser a lição do episódio

Email: Luís Nassif@uol.com.br